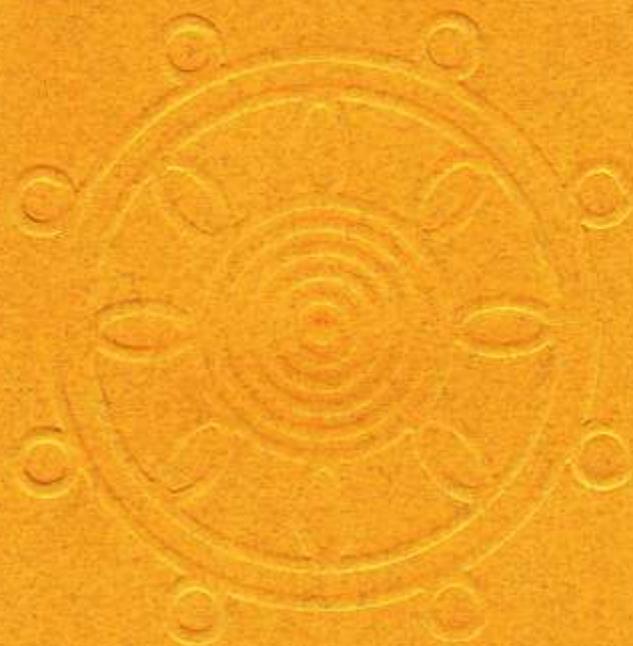


# Valente e Araci



fibras do sertão

# Valente e Araci

fibras do sertão



Movimento Artesanal Fibras do Sertão  
APAEB/Valente



# Valente e Araci

fibras do sertão

<b>VALENTE E ARACI ...</b>	<b>5</b>	O preparo do sisal .....	21	Tingir .....	46
Localização .....	6	Costurar .....	22	Produtos .....	48
A região sisaleira .....	8	Outras técnicas .....	25	<b>FIBRAS</b>	
O Sertão e seus desafios: convivendo com a seca .....	10	Tecelagem em tear de prego .....	25	<b>DO SERTÃO .....</b>	<b>51</b>
Eventos culturais .....	13	Malharia em sisal .....	26	O projeto e as parcerias .....	52
<b>O ARTESANATO .....</b>	<b>15</b>	Araci:		Oficinas de capacitação .....	60
Valente:		Malharia em caroá .....	28	Referências	
Cestaria costurada .....	16	A fibra: caroá .....	30	Bibliográficas .....	62
A fibra: sisal .....	18	O preparo do caroá .....	33	Créditos .....	64
		Tecer .....	34		
		Corantes naturais da caatinga .....	36		



# Valente e Araci

- localização
- a região sisaleira
- o sertão e seus desafios:  
convivendo com a seca
- eventos culturais





## LOCALIZAÇÃO



Valente e Araci

6

À direita em cima: Praça do povoado de tanquinho no município de Valente;

À direita embaixo: Fachada de uma casa no povoado de tanquinho.







## A REGIÃO SISALEIRA

---

Valente e Araci, duas pequenas cidades do sertão baiano têm no cultivo do sisal a sua principal atividade. Até os anos 50, eram cidades bastante prósperas, graças ao grande volume de sisal produzido. Com a crise desta matéria-prima no mercado mundial, a economia da região estagnou, levando boa parte de seus moradores a migrarem para o sul do País. Na década de 1980, surge um movimento de pequenos agricultores, o qual inicia um processo de mobilização em associações visando retirar os atravessadores e assegurar a permanência do sertanejo na região. Com este objetivo, foi criada a Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia – APAEB, que se organizou de diferentes formas em vários municípios do Estado, entre eles Valente e Araci.



*À esquerda: Capela do povoado de Retirada, Araci; Em cima: Palma em flor, imagem de vegetação local.*



## O SERTÃO E SEUS DESAFIOS: CONVIVENDO COM A SECA

Com as dificuldades encontradas em uma região assolada pela seca e voltada para a monocultura do sisal, o sertanejo do interior da Bahia encontrou novas alternativas para sobreviver no seu lugar de origem. A iniciativa de procurar soluções em grupo, por meio das relações associativas, a curiosidade por novas formas de beneficiamento do sisal, a tentativa de eliminar intermediários e obter melhorias no que diz respeito à agricultura, pecuária, educação e cidadania dos moradores do sertão baiano foram, sem dúvida, os ingredientes que faltavam para dar uma nova direção e melhorar suas condições de vida.

Encontram-se nos municípios de Valente e Araci uma grande criatividade e sobretudo uma suprema vontade em transformar a dureza da sobrevivência no semi-árido em uma situação de vida digna e próspera. Esses homens e mulheres, que lutam diariamente em busca deste sonho, têm colhido resultados concretos capazes de surpreender até os mais céticos. Assim, viver no sertão deixa de ser uma sina, transformando-se em uma escolha possível, que se inscreve em uma nova postura e pode ser traduzida pela seguinte afirmação: *“O sertão tem tudo que se precisa. Se faltar, a gente inventa”*.



*Em cima: Homens limpando aguada nas  
frentes de trabalho contra a seca;  
À esquerda: Mandacaru.  
Página seguinte:  
Povoado de Retirada, Araci*

Se, por um lado, esta região da Bahia é conhecida como produtora de sisal e até mesmo como exportadora deste produto beneficiado e industrializado, por outro, sua produção artesanal era, até há pouco tempo, desconhecida do grande público ou mesmo dos habitantes da região. O trabalho artesanal se restringia à produção de artigos para uso próprio ou para serem vendidos esporadicamente nas feiras locais, em situações de extrema necessidade. Este trabalho era visto como mais uma atividade feminina, sem ser reconhecido como um ofício capaz de gerar renda para o núcleo familiar.



## EVENTOS CULTURAIS

---

Em Valente, a **Festa de São João**, forte tradição do sertão nordestino, começa com o Forró de Maio, na última semana do mês. Em junho, acontecem os forrós nos clubes e escolas. De 22 a 24 de junho, a Festa de São João toma conta da praça central das cidades de Valente e Araci, com apresentação de quadrilhas, *shows* de forró, barraquinhas com comidas típicas e artesanato. É no dia de São João, 24 de junho, que as fogueiras são acessas diante das casas, em todos os bairros rurais, com muita pipoca, quentão e bolo de milho. É também possível encontrar fogueiras em algumas casas da cidade que ainda mantêm esta tradição.

O **Movimento da Quixabeira** é um festival de músicas regionais que acontece a cada ano em um município da região sisaleira, sempre no mês de setembro. Tem como objetivo preservar a música dos cantadores rurais, especialmente as canções entoadas durante o trabalho, celebrando assim os valores culturais e as tradições musicais do sertão.





# Artesanato

*Valente* · cestaria costurada

a fibra: sisal - o preparo do sisal - costurar

· outras técnicas

tecelagem em tear de prego - malharia em sisal

*Araci* · malharia em caroá

a fibra: caroá - o preparo do caroá - tecer

· corantes naturais da caatinga

tingir

· produtos





## CESTARIA COSTURADA

Em Valente, a produção artesanal sempre se restringiu a um pequeno número de mulheres, que improvisavam alguns produtos para uso doméstico inspiradas em suas lembranças dos tempos de infância, quando confeccionavam bonecas e bolsinhas para brincar. Para a maioria delas, porém, este trabalho era deixado de lado quando chegava a fase adulta. A técnica de usar a agulha para costurar objetos em sisal sempre esteve presente na memória dessas artesãs, mas a necessidade de garantir a sobrevivência da família levou-as a se dedicarem ao árduo trabalho de corte e beneficiamento de sisal no motor. Outra alternativa de renda encontrava-se nas frentes de trabalho contra a seca, que envolvia a limpeza de estradas, tanques e aguadas secas.





## A fibra: sisal

**Agave** - *Agave sisalana*, Família Agaviaceæ.

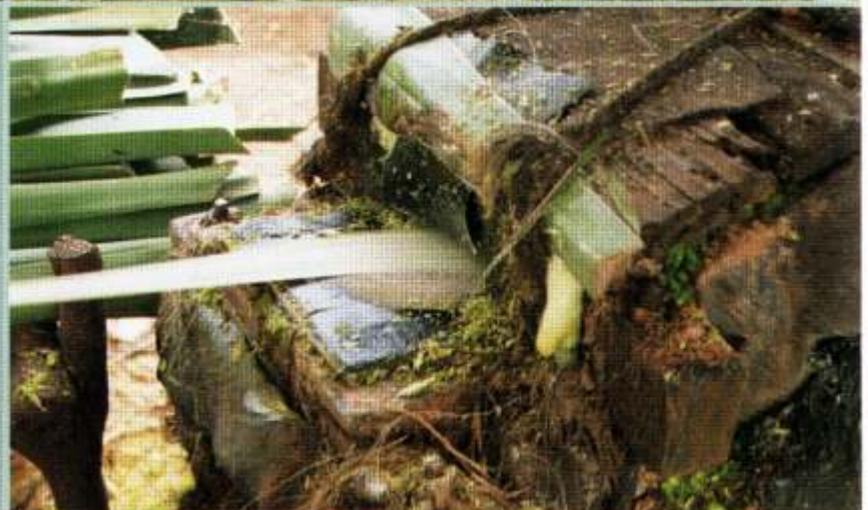
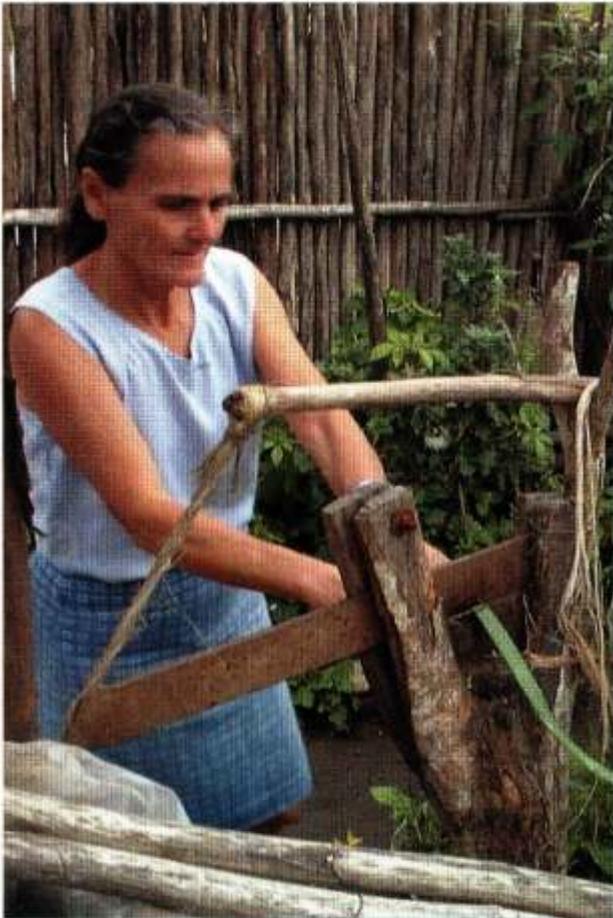
A palavra “agave” deriva do grego *agaué*, que significa “admirável”. Originária do México e cultivada no Brasil, foi muito difundida no sertão nordestino graças à sua fácil adaptação ao clima semi-árido. Denomina-se *sisal* a fibra têxtil extraída da agave, que serve como fonte de fibras para a produção de cordas e tapetes.



Em cima: Jegue transportando folhas de agave;

À direita: Folhas de agave e fibras de sisal.





*Em cima: Artesã com seu farracho;*

*Em cima à direita: Fibras de sisal;*

*À direita: Motor.*

## *O preparo do sisal*

---

O processamento da agave para transformá-la em fibra pode ser feito por dois métodos distintos:

### Farracho

Neste tipo improvisado de guilhotina, feita com dois facões estragados, a fibra da agave é retirada por um processo manual, em que a artesã passa uma por uma a folha da agave entre as lâminas do farracho para desfibrar. Neste processo, a fibra permanece inteira e tem um brilho natural intenso.

### Motor

A agave é desfibrada em uma máquina bastante rudimentar, movida com motor a *diesel*, que circula entre as roças da região em uma carroça puxada por um jegue. O “motor” processa o sisal em uma velocidade razoável, mas requer muita atenção e destreza daquele que a opera. É uma atividade bastante perigosa em que qualquer descuido pode mutilar o operador. Alguns motores têm uma trava adaptada, que pára a atividade da máquina assim que a mão se aproxima da lâmina. Como resultado, obtém-se uma fibra mais quebrada, que precisa ser lavada para livrar-se dos resíduos da folha.

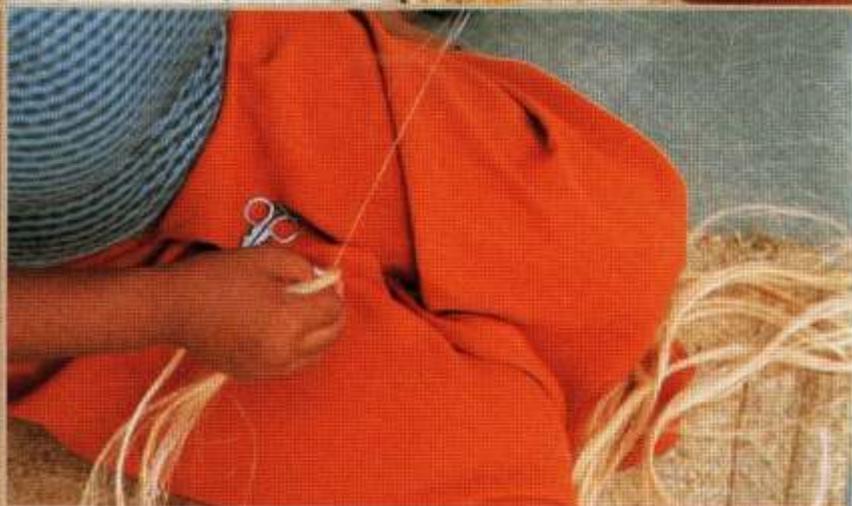


## Costurar

A fibra do sisal é então agrupada em um feixe contínuo, que vai sendo costurado, desde um mesmo centro, em uma espiral que se expande em um único plano ou ascende formando as laterais dos cestos. Neste tipo de cestaria aplica-se a técnica de costura com falso nó, e o único instrumento utilizado é uma agulha comprida que as artesãs improvisam com hastes retiradas da armação de sombrinhas velhas. Usando esta técnica, elas constroem uma grande variedade de formas e desenhos de acordo com a sua criatividade.







*Diferentes etapas da técnica de costura em sisal.*

## Outras técnicas

---

Com a retomada do trabalho artesanal em sisal, as artesãs passaram a experimentar técnicas em que este é trabalhado de uma maneira diferenciada, buscando adequar o seu conhecimento sobre trabalhos manuais ao uso dessa fibra nativa da região ou até mesmo desenvolver novos produtos usando esta matéria-prima. Nisto as artesãs do povoado de Tanquinho, em Valente, se destacam. A curiosidade e a capacidade de improvisar deram o sentido do trabalho que hoje é desenvolvido pelo Movimento Artesanal Fibras do Sertão.

### Tecelagem em tear de prego

A curiosidade de um artesã para fazer um modelo de bolsa levou-a a receber orientação sobre a técnica do tear de prego. Nesta técnica, as artesãs passam o fio de sisal entre os pregos afixados nas traves superior e inferior de um bastidor de madeira, formando o urdume. Com um fio da mesma espessura tecido em um espaçamento com distância regular, formam a trama. Deste trabalho resulta um tecido retangular e grosso, que é então removido do tear e costurado para formar um jogo americano ou uma bolsa.





## Malharia em Sisal

Esta técnica inspirou-se no trabalho de mulheres que utilizavam restos de sacolas plásticas para tricotar bolsas e acessórios de uso pessoal. Nas oficinas de qualificação de produto, as artesãs passaram a usar o fio de sisal no lugar do plástico reciclado. Utiliza-se o fio de sisal beneficiado na indústria, que é tricotado com agulhas de madeira feita pelas próprias artesãs.



*Em cima: Artesãs do Povoado de tanquinho*

*À direita: Bolsa feita com técnica de tricô em sisal.*







## MALHARIA EM CAROÁ

Em Araci, o trabalho semelhante a uma malha feito com a fibra do caroá é disseminado entre as mulheres das comunidades rurais de Retirada, Rufino e Queimada Redonda. Esta técnica remonta a tempos imemoriais, sendo transmitida da mãe para filha ao longo de gerações. Nestas comunidades, as mulheres são iniciadas no trabalho com caroá em torno dos 10 anos, adotando esta atividade como parte fundamental de seu cotidiano por toda a vida. Tecer à mão faz parte do dia-a-dia das mulheres, e seu trabalho está plenamente integrado ao movimento de seus corpos. Este movimento contínuo permeia todas as atividades que não ocupam as mãos. Não é raro ver as artesãs andando, carregando água, conversando e, ao mesmo tempo, tecendo.







## A fibra: Caroá

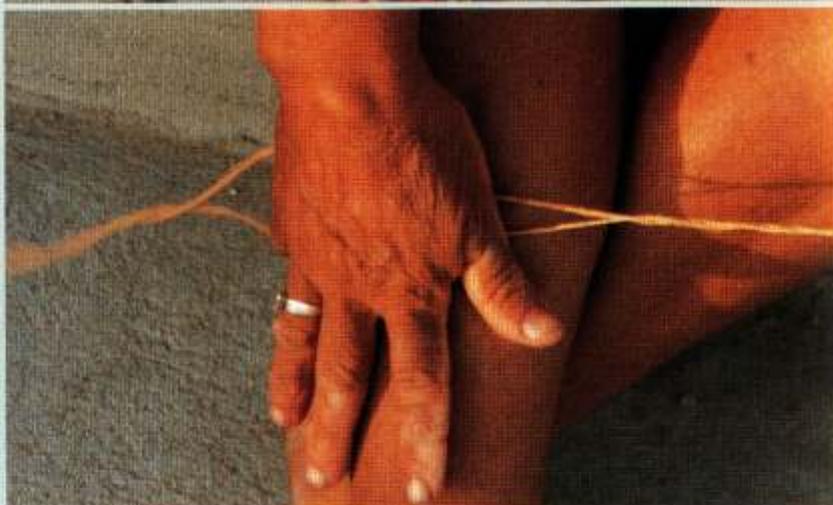
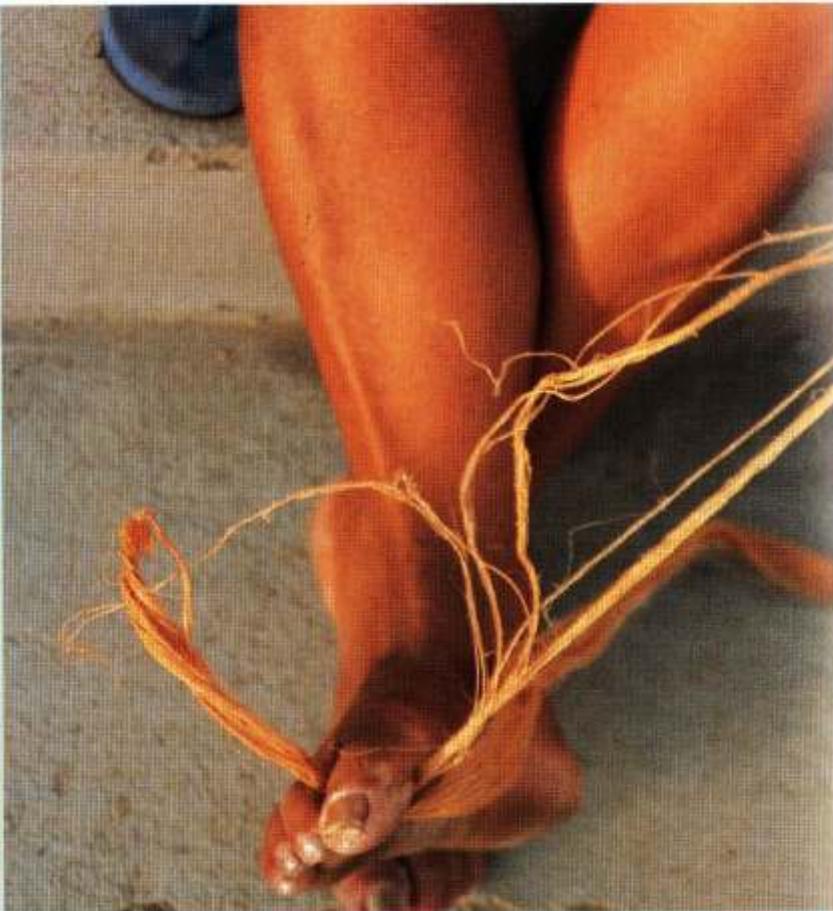
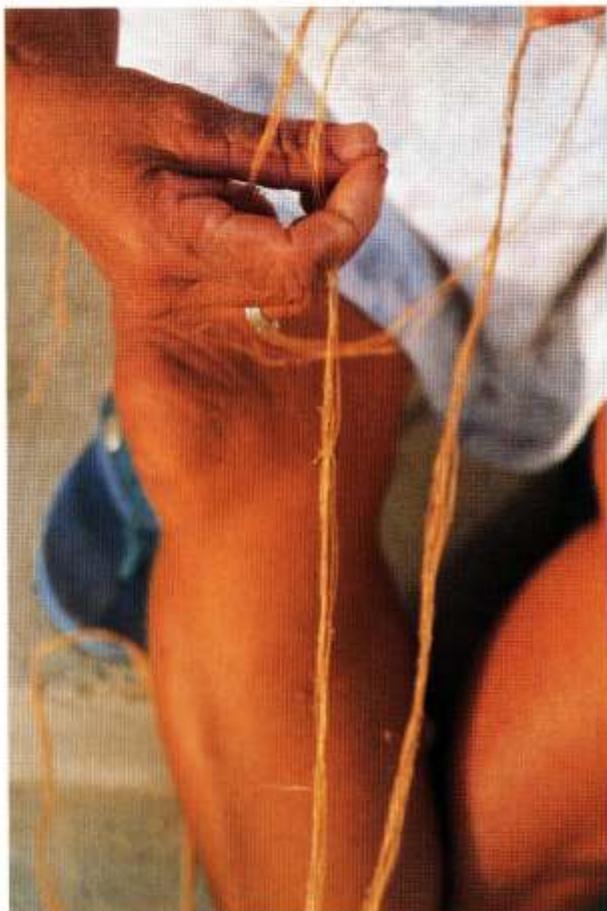
---

**Caroá**, carauá, caruá, coroá, crauá, croá, croatá – *Neoglaziovia variegata*, Família Bromeliaceæ.

A denominação caroá é originária do tupi *kara'wã*, que significa “talo com espinho”. Planta terrestre de poucas folhas, flores variegadas, protegidas por brácteas, e com frutos em bagas sucosas, suas fibras são usadas na manufatura de barbante, linhas de pesca e tecidos. É encontrada na caatinga, em áreas com solo de massapê, terra argilosa, como em Sergipe e Bahia.

A coleta do caroá requer a sua retirada em regiões distantes da caatinga, de duas a três léguas (14 km aproximadamente), que as mulheres percorrem a pé. Este trabalho implica a entrada em áreas com uma vegetação densa, onde as mulheres correm o risco de serem arranhadas por espinhos e ou de serem até mordidas por cobras.





*Diferentes etapas do processo de  
fiação da fibra de caroá.*

## *O preparo do caroá*

---

A técnica de transformar o caroá em fibra e depois fiá-lo é feita segundo o processo indígena. Sua origem pode ser atribuída a tribos da região, visto que o mesmo trabalho é hoje encontrado entre os cariris, que moram ao norte do Estado.

Para retirar a fibra da folha do caroá, a artesã remove todos os espinhos com uma faca e, posteriormente, bate a folha com uma pedra até que a fibra se solte dos demais resíduos. Nesse estágio, a fibra pode ser tingida ou não. Ela é então lavada e estendida em um varal para secar ao sol. Quando seca, a artesã separa-a em feixes, em geral com a ajuda dos pés.

A fiação é feita pela rotação manual de dois feixes separadamente e, depois, em conjunto. A fiadeira desliza sob a palma da mão, para baixo, feixes separados de fibra frouxa, colocando-os sobre a coxa, depois faz o mesmo movimento em sentido contrário, juntando as duas dobras para formar uma corda. Este trabalho resulta em um fio grosseiro, com a primeira torção em Z (sentido horário) e a segunda torção em S (sentido anti-horário).



## Tecer

O trabalho feito com a fibra do caroá pode ser classificado como um tipo de malha. Nesta técnica têxtil, que por vezes se confunde com um trançado, o fio é enlaçado em pequenos nós, com a ajuda de uma agulha feita com haste de sombrinha. O nó simples é feito com um único fio enredador de comprimento limitado. Este fio forma dois elementos, pois prende uma laçada da carreira anterior que fica pendente. Deste trabalho, resulta o *aió*, uma bolsa de caça feita de fibras de caroá bastante usada pela população local, particularmente pelos homens, para guardar seus apetrechos nas lidas diárias, para levar material de trabalho para o campo, o milho para alimentar o jegue, ou mesmo para carregar animais silvestres caçados pelo caminho. A prática da caça é bastante disseminada pela região, como uma forma comum para aquisição de alimentos neste lugar fortemente castigado pelas longas estiagens. É também comum encontrar redes para dormir feitas com urdidura de caroá e trama de fios de algodão.





## CORANTES NATURAIS DA CAATINGA

O uso de corantes naturais era desconhecido na região. As diversas plantas tintórias presentes na caatinga eram conhecidas pelas mulheres como aquelas que manchavam a roupa na lida no campo, dando um grande trabalho para removê-las. Com base nesta experiência e no conhecimento adquirido com os imprevistos do cotidiano, as artesãs foram apresentadas a uma outra possibilidade de uso destas plantas, que passaram a ser matéria-prima para o tingimento das fibras de sisal e caroá.

A diversidade de plantas tintórias possibilitou organizar um curso sobre tingimento com corantes naturais, quando as artesãs puderam estabelecer um novo tipo de relação com o meio ambiente que as cerca. Nesta oficina, fizeram um levantamento das plantas nativas capazes de tingir as fibras, experiência que permitiu que fossem selecionadas sete espécies capazes de conferir cor ao sisal e ao caroá. Entre elas podemos citar:

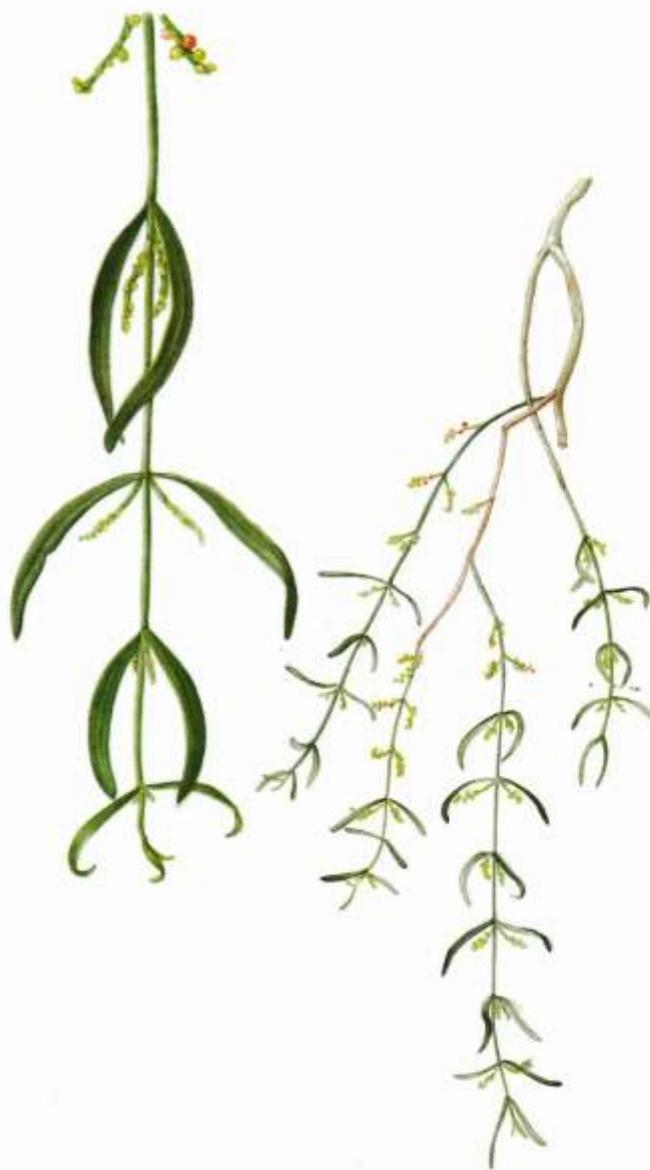
*À direita: Fibras de sisal tingidas com raiz de São João secando à sombra.*





■ Erva-de-passarinho – *Phoradendron affine*, (Pohl) Nuttall,  
Família Viscaceæ

A erva-de-passarinho é uma planta que cresce sobre o tronco das árvores e arbustos, sugando deles a água necessária para sua sobrevivência. Por necessitar apenas da água e não da seiva de seu hospedeiro, é denominada hemiparasita. Há várias espécies de erva-de-passarinho, mas essa, em particular, ocorre em quase todo o Brasil. Possui belas folhas verde-escuras, carnosas, e produz suas flores amareladas em pequenas espigas. Os frutos são bagas vermelhas, muito apreciadas por pássaros, que são os responsáveis pela dispersão das sementes. Liberadas juntamente com as fezes na casca das árvores, as sementes logo que germinam fixam-se firmemente ao hospedeiro. É muito fácil observar as ervas-de-passarinho quando o hospedeiro está sem suas folhas, que na ocasião parecem verdadeiros enxertos.



**Jurema** – *Mimosa verrucosa*, Benth.,

Família Leguminosæ



Arbusto ou pequena árvore de até 3 metros de altura, muito ramificada, com delicadas folhas acinzentadas, na estação chuvosa produz grande quantidade de flores rosadas em espigas. É muito comum no sertão nordestino. Sua madeira de coloração avermelhada é empregada para fazer os mourões de cerca. A espécie é encontrada nos estados do Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia e Goiás, na caatinga arbórea e no cerrado. Seus frutos são pequenas vagens, que se dividem em segmentos providos de uma única semente. Por sua resistência e beleza das flores, é especialmente indicada para cultivo como espécie ornamental.



**Malvarisco** – *Melochia tomentosa*, L.,  
Família Sterculiaceæ

Erva de até 80 cm de altura, com folhas verde-acinzentadas e flores lilases, seus frutos são pequenas cápsulas que lembram um balão de festa junina. É uma espécie ruderal encontrada nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, que floresce e frutifica ao longo de todo o ano.



 Pau-de-colher, bom-nome – *Maytenus rigida*, Mart.,

Família Celastraceæ



Pequena árvore de até 5 metros de altura, com folhas verde-escuras, duras, espinhosas, e flores esbranquiçadas, seu fruto é uma pequena cápsula alaranjada quando madura, com uma única semente. A madeira, amarelada e pouco resistente, não é empregada em carpintaria; entretanto, a porção interna da casca, de coloração avermelhada, é usada em medicina caseira, no tratamento de problemas renais. A espécie ocorre em todo a caatinga nordestina, principalmente em Pernambuco e Bahia. Como o juazeiro, é árvore famosa por não perder suas folhas na época da seca.



 **Quixabeira** – *Sideroxylon obtusifolium*, (Roem. & Schult.)

Penn., Família Sapotaceæ

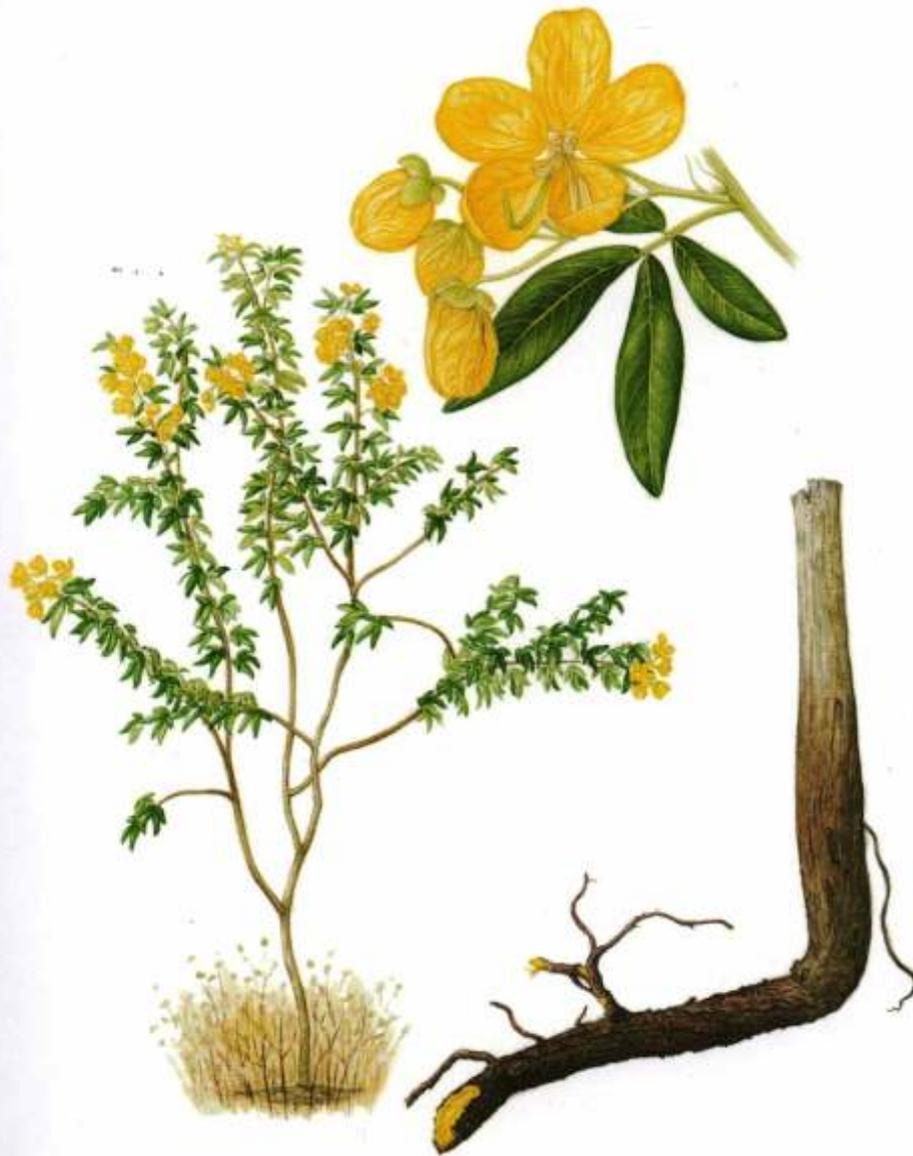
Árvore espinhenta e de folhas caducas, com até 10 metros de altura, é típica das margens dos rios e várzeas úmidas do sertão nordestino, ocorrendo também em toda a América do Sul. Sua casca é grossa, rugosa e fendilhada, vermelha na parte interna. As folhas, quando jovens, são vermelho-brilhantes. A madeira é dura, amarelada, de baixa durabilidade, mas fácil de trabalhar, usada na carpintaria e para esculpir carrancas. Suas flores são pequenas, esbranquiçadas e cheirosas, aparecendo entre outubro e novembro, juntamente com a nova folhagem. Os frutos são carnosos e escuros, semelhantes a uma pequena azeitona. Amadurecem nos meses de janeiro e fevereiro e servem de alimento para vários animais silvestres, sendo também apreciados pelo homem.





**São-João** – *Senna cf. angulata*, (Vog.) Irwin & Barneby,

Família Leguminosæ



Arbusto com até 2 metros de altura, esgalhado, tem folhas verde-escuras e belas flores amarelo-brilhantes. A parte interna de suas raízes é intensamente amarela. A espécie é encontrada desde a Bahia até São Paulo.



**Umburana**, imburana-de-espinho, imburana-vermelha -  
*Comiphora leptophloeos*, (Mart.) Gillett, Família Burseraceae

Árvore espinhenta, de folhas caducas, com até 9 metros de altura, tem bela casca que se desprende em lâminas de coloração que varia do verde ao acobreado e cinza. Ocorre em todo o nordeste do Brasil, até a Bahia, e também no Pantanal Matogrossense. Suas flores esbranquiçadas surgem nos meses de novembro e dezembro, juntamente com a brotação das folhas. Os frutos são cápsulas carnosas, verdes, com uma única semente negra e vermelha, que amadurecem entre março e abril, juntamente com queda das folhas velhas. Sua madeira é castanho-rosada, leve e fácil de ser trabalhada, utilizada sobretudo para trabalhos artesanais.





*Em cima à esquerda: raiz de são joão;  
Em cima à direita: erva de passarinho;  
À esquerda: retirada de casca de umburana.*



## Tingir

Os produtos do Movimento Artesanal Fibras do Sertão têm a peculiaridade de serem tingidos com corantes naturais produzidos por folhas, cascas e raízes de resíduos de árvores nativas da região. Estas plantas conferem uma cor única a estes produtos, sem agredir o meio ambiente.

### *Receita básica de tingimento*

Socar a matéria-prima corante em um pilão de madeira. Colocá-la em um balde com 7 litros de água e acrescentar uma colher de sopa de amoníaco. Deixar de molho por uma noite. Em um recipiente apropriado, ferver a mistura por 30 minutos. Coar o extrato corante e completar o volume com água fria até completar 18 litros. Mergulhar 1 kg de fibras de sisal ou caroá no banho de tingimento e deixar cozinhar por uma hora. Retirar as fibras e acrescentar o mordente. Mexer bem e retornar as fibras ao banho de tingimento, movimentando para não manchar. Manter no fogo por 15 minutos. Retirar as fibras, acrescentar 100 gramas de sal comum e misturar bem; retorná-las ao corante e deixar esfriar. Enxaguar o material em água corrente até retirar todo o excesso de tinta. Secar à sombra.





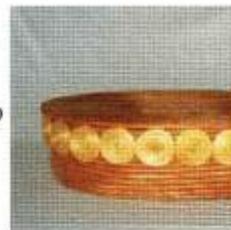
## PRODUTOS

Os recursos recebidos com a venda de produtos artesanais têm servido para ajudar nas despesas com a família, especialmente na compra de remédios, alimentos, na aquisição de objetos de uso pessoal e doméstico, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das artesãs.



### **Bolsa redonda**

*Sisal e corante natural:  
pau-de-colher  
12 X 22 cm de diâmetro*



### **Caixa oval com rodinhas**

*Sisal e corante natural:  
jurema e são joão  
9 X 41 cm*



### **Bolsa de rodinha**

*Sisal e corante natural:  
jurema e erva-de-  
passarinho  
20 X 20 cm*



### **Fruteira**

*Sisal e corante natural:  
pau-de-colher  
11 X 19 X 12 cm*



### **Cesta de pão**

*Sisal e corante natural  
Pequena 20 cm  
Média 30 cm  
Grande 35 cm*



### **Caixa com ziguezague e puxador**

*Sisal em cor natural  
9 X 41 cm*



### **Suporte para pirex**

*Fio de sisal industrial:  
mel, 10 X 35 cm*



### **Cesta oval**

*Fio de sisal industrial:  
castanho, 5 X 29 cm*



**Aió com alça de couro**  
*Caroá e corante natural:  
jurema, 27 X 20 cm*



**Chapéu**  
*Caroá e corante natural:  
são joão e pau-de-colher  
30 X 19 cm*



**Aió com uma alça**  
*Caroá e corante natural:  
pau-de-colher e são joão  
24 X 20 cm*



**Tapete**  
*Fio de sisal industrial  
Padronagens:  
meio-ponto e xadrez:  
verde musgo e telha  
70 X 40 cm  
50 X 200 cm*



**Aió com duas alça**  
*Caroá em cor natural  
24 X 20 cm*



**Aió tradicional**  
*Caroá em cor natural  
24 X 20 cm*

## Logo e informações

### Movimento Artesanal Fibras do Sertão



**APAEB/Valente**

Responsáveis: Elione Souza, Francisco Lopes de Oliveira  
e Virgínia Araújo

Rua Duque de Caxias, 78 Centro

Valente - BA 48 890-000

Tel: 75 263 2181

Email: [artesanato@apaeb.com.br](mailto:artesanato@apaeb.com.br) / [educativo@apaeb.com.br](mailto:educativo@apaeb.com.br)



# Fibras do sertão

- o projeto e as parcerias

oficinas de capacitação

- referências bibliográficas

- créditos



## O PROJETO E AS PARCERIAS

O **Projeto Fibras do Sertão** teve início com o curso *Cestaria em Sisal*, realizado em setembro de 1998 pelo Programa de Artesanato e Geração de Renda do Conselho da Comunidade Solidária, em parceria com a Sudene/Fade, a Unesco e a APAEB/Valente, envolvendo mulheres que trabalhavam nas frentes de trabalho contra a seca. Neste processo, estas mulheres aprenderam novas possibilidades de aplicação da fibra do sisal. Com a continuidade desta iniciativa - realizada pelo Programa Artesanato Solidário em parceria com o Sebrae e a Sudene -, iniciou-se o processo de organização e capacitação dos núcleos de produção artesanal. Junto a este processo, tem sido feito o trabalho de divulgação e escoamento de seus produtos nos principais centros do país.

O trabalho que agora se complementa com o apoio do **Programa Nacional de Municipalização do Turismo da Embratur** teve como objetivo qualificar a produção artesanal para atender às demandas do turismo. Neste sentido, o grupo foi capacitado para gerir adequadamente a sua produção, criando métodos de trabalho e de gerenciamento. Duas artesãs estão aprendendo a utilizar programas de computador para melhor organizar o seu processo de trabalho. Além disso, organizou-se uma oficina de capacitação para orientar sobre o acabamento de alguns produtos.

À direita: Grupo de artesãs do povoado de Recreio com Vera Lúcia Almeida de instrutora da oficina sobre gênero e saúde da mulher.



Fibras do Sertão





*Em cima à esquerda: Artesã tecendo chapéu em caroã; Em cima à direita: Grupo de artesãs do Povoado de Retirada, Araci; À esquerda: Exemplo do bom humor das artesãs de Retirada, apesar das adversidades.*

Nas iniciativas voltadas para o mercado, foi constituída uma missão técnica com quinze representantes do grupo, os quais se encarregavam de visitar lojas de comercialização de artesanato em Salvador para se familiarizarem com o mercado e adequarem os produtos a estas exigências, especialmente no que diz respeito a acabamento, política de preços e prazos. Soma-se a isso a organização de uma loja de produtos na sede do município de Valente, que se integra com uma oficina de produção. Este espaço visa divulgar o trabalho e escoar os produtos na região sisaleira.

**Programa Artesanato Solidário** - Atua de maneira diferenciada no campo da produção de artesanato de cunho tradicional como forma de geração de renda para comunidades que guardam esse saber. Busca revitalizar, portanto, a produção artesanal ligada aos modos de vida do lugar, à utilização das matérias-primas disponíveis, aos conhecimentos transmitidos pelos mais velhos e com padrões estéticos desenvolvidos a partir da vivência da própria comunidade. Sua característica básica é aliar a preocupação com a cultura dos grupos produtores à criação de condições para a melhoria da qualidade de vida local.

**Instituto de Artesanato Visconde de Mauá** - Contribui no processo de comercialização dos produtos artesanais da região em suas lojas. Em parceria com a Promo, Apex e Sebrae, está capacitando as artesãs para exportarem seus produtos.

**Sebrae/BA** - Tem organizado cursos de capacitação em associativismo e na orientação do processo de comercialização dos produtos.

**Prefeitura Municipal de Valente** - Disponibiliza espaços para a organização das oficinas de produção artesanal na comunidade rural de Tanquinho.



## APAEB/VALENTE

---

A APAEB/Valente é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1980, que luta pelo desenvolvimento sustentável da região sisaleira, mantendo o homem no campo em condições dignas de vida. Para alcançar esses objetivos, busca intervir diretamente na economia da região, procurando agregar mais valor aos produtos dos pequenos agricultores. O processo começou com o sisal, desde o momento de sua fundação, em 1980.

O primeiro passo foi juntar os produtores para vender em grupo. Aos poucos, com a constituição da Associação, adquiriram a bateadeira, limpando e classificando as fibras para obter melhor preço e depois veio a implantação da indústria de tapetes e carpetes. Assim, trouxeram para a região sisaleira o dinheiro que antes ficava na mão de atravessadores e intermediários. Agora, a mesma luta se inicia com a criação de caprinos e ovinos, no comércio de leite, carne, peles e derivados.

A APAEB exerce também uma função educativa, desenvolvendo inúmeras atividades tanto para ensinar a convivência do homem com o semi-árido quanto para conscientizar a população acerca de seus direitos.

*À direita: Processamento da fibra do sisal  
na fábrica de tapetes de sisal da APAEB/Valente.*







Em cima: Tear industrial produzindo carpetes;  
À direita: Aluno da Escola Família Agrícola.

As ações da APAEB na região se estendem a várias atividades, que têm como papel consolidar sua missão. São elas: indústria de sisal; alfabetização de funcionários; posto de vendas - supermercado; hidroponia; artesanato; escola família agrícola; perfuração de poços artesianos; construção de cisternas; energia solar; educação ambiental; crédito rural; fórum da cidadania; rádio comunitária e o incentivo ao Movimento da Quixabeira.

Além do apoio técnico e logístico dado ao **Projeto Fibras do Sertão**, o trabalho vem sendo divulgado em páginas da Internet e no posto de vendas da APAEB. Soma-se a isto o trabalho de um vendedor, que fez surgir novos clientes e novas perspectivas de mercado para o trabalho artesanal.



## Oficinas de Capacitação

A realização de cursos, seminários, reuniões e o trabalho diário nas oficinas fizeram surgir a necessidade de formar uma entidade que representasse o grupo - a Associação Movimento Artesanal Fibras do Sertão -, com o intuito de ampliar o número de beneficiadas e melhorar sua renda. Em conjunto, foi construído um estatuto e as artesãs passaram a ser treinadas para gerirem essa organização. Foi após os cursos de capacitação que as mulheres (artesãs) de cinco bairros rurais de Retirada, no município de Araci e Poço, Recreio, Tanquinho e no bairro Cidade Nova, no município de Valente, passaram a acreditar que o sisal, quando aplicado na produção artesanal, poderia ser uma alternativa para aumentar sua renda.

Resgatando esta técnica com uma artesã da região, Dona Cristina repassou seu conhecimento para um grupo de vinte mulheres, dos mais diversos bairros rurais do município. Com o passar do tempo, elas começaram a multiplicar o que aprenderam, formando, assim, as oficinas de trabalho, em parceria com associações locais. Fizeram das sedes destas associações espaços para a produção artesanal. Nas oficinas de trabalho, iniciando pela produção de peças para uso doméstico, aos poucos as artesãs foram produzindo artigos solicitados pelo mercado. Com isso, avançaram na confecção de novos produtos, seguindo a própria criatividade, introduzindo práticas de padronização para as peças e buscando a melhoria nos acabamentos.



# OFICINA DE ARTESANATO SISAL DO POV. POÇO.

ENCONTRO  
DE YESHUAH





O **Projeto Fibras do Sertão** procura incentivar e qualificar as habilidades desta população, tendo como princípio fundamental o desenvolvimento sustentável desta região. Somam-se a preocupação com a valorização das pessoas que ali vivem, o apreço aos saberes locais e a reafirmação da identidade cultural desta região. Para isto, pretende-se qualificar suas atividades, incentivando a produção artesanal que está em sintonia com o contexto cultural e ambiental do semi-árido. Neste espírito, a produção artesanal se insere como uma atividade importante para a complementação de renda, garantindo a fixação das famílias no campo e melhorando suas condições de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMAROTTI E SPINK (orgs.). *Estratégias locais para redução da pobreza: construindo a cidadania*. São Paulo: Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, 2000. p.82.

FERREIRA, Eber Lopes. *Corantes naturais da flora brasileira: guia prático de tingimento com plantas*. Curitiba: Fundação Boticário/Optagraf, 1997.

GAZETA MERCANTIL – Salvador - BA, 3.4.2001.

RELATÓRIO ANUAL 2000. Associação dos Pequenos Agricultores do Estado da Bahia – Apaeb. Valente, abril de 2001.

RIBEIRO, Berta. *Suma Etnológica Brasileira: Tecnologia Indígena*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

“Fibras do Sertão” in *Seca: capacitação e geração de renda do Programa de Combate aos efeitos da seca*. Brasília: Comunidade Solidária/UNESCO/SUDENE, 1998. p.61-67.



*Artesãs envolvidas nas oficinas  
de capacitação.*

# CRÉDITOS

---

## **Ministério do Esporte e Turismo**

Carlos Melles – Ministro

## **Embratur**

Caio Luiz de Carvalho – Presidente

## **Programa Nacional de Municipalização do Turismo**

Anna Maria Marcondes – Coordenadora

## **Conselho da Comunidade Solidária**

Dra. Ruth Cardoso – Presidente

## **Programa Artesanato Solidário**

Regina Dunlop – Coordenadora;

## **APAEB/Valente**

Luiz Mota – Presidente

Edésio Lopes de Araujo – Vice-presidente

Iracema Nery Santos – Tesoureira

Ismael Ferreira de Oliveira – Gerente Geral

Gerlândio Araujo Lima – Gerente administrativo

Virgínia Araújo – Acompanhamento do projeto

## **Parceiros**

SEBRAE/BA

Instituto de Artesanato Visconde de Mauá

## **Concepção e Acompanhamento**

Luciana Aguiar

Eber Ferreira

## **Técnicos Locais**

Antonilda Brandão borges

Francisco Lopes de Oliveira

## **Agradecimentos**

Paulo Manso Cabral

Agência Sebrae em Feira de Santana

Maria Helena Tanajura

Maria José Almeida Chaves Ramos

## **Instrutores**

Eber Ferreira

Manoel Barbosa – Associação Movimento

João de Barro

Fabíola Bergamo

Vera Lúcia Almeida

## **Design e Produção Gráfica**

Shadow Design

## **Texto**

Luciana Aguiar

## **Identificação Botânica**

Equipe de pesquisadoras do Herbário do Instituto de Botânica da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo

## **Ilustração**

Hiroe Sasaki

## **Fotografias**

Rita Toledo

Vincent Brackelaire

Luciana Aguiar

## **Revisão**

Tereza Maria Lourenço Pereira

Movimento Artesanal Fibras do Sertão  
APAEB/Valente

ISBN 85-88273-04-7



9 788588 273047